

TRÊS CONTOS DA ALHAMBRA (Washington Irving)

Prólogo de Tiago Bianchi

Parece predestinação o fato de Washington Irving se tornar o primeiro escritor norte-americano verdadeiro ao ser batizado em homenagem a George Washington, futuro presidente e então líder da recém-terminada Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1783). Nascido na cidade de Nova York em 1783, o mais novo dos onze irmãos de uma família de ascendência cornoica e escocesa compareceria ainda criança à posse do comandante e político em 1789, naquilo que parece ter sido um pequeno sinal de um ciclo sobre seu nome e a importância que seu trabalho teria para a cultura do país.

Inicia a carreira escrevendo sob o pseudônimo de Johnathan Oldstyle para o jornal *Morning Chronicle* por volta de 1802. Vai à Europa em uma viagem de dois anos e retorna a Nova York para estudar Direito, mas não consegue bons resultados e une-se ao irmão mais velho e a um amigo para escrever o *Salmagundi*, periódico humorístico no qual, inspirado por um velho conto folclórico inglês, começou a usar o termo *Gotham* para se referir ironicamente à cidade sob certo caráter de loucura (e que anos mais tarde acabou batizando a cidade do super-herói *Batman*). No mesmo espírito da publicação, lança *History of New-York from the Beginning of the World to the end of the Dutch Dynasty, by Dietrich Knickerbocker* [A História de Nova York do Começo do Mundo ao Fim da Dinastia Holandesa, por Dietrich Knickerbocker] (1809), outra ode satírica à *Big Apple* com a qual já começa a construir relativa fama, ainda que seguisse indeciso sobre seu futuro profissional.

Depois de trabalhar como editor para uma revista e servir por um curto período como soldado na Guerra de 1812, Irving embarca em uma viagem para tentar salvar os negócios da família na Inglaterra. Apesar de fracassar nessa missão, acaba publicando *The Sketchbook of Geoffrey Crayon, Gent* [O Caderno de Rascunhos de Geoffrey Crayon, Gent] (1819), uma coletânea que continha algumas de suas maiores histórias, entre elas “Rip Van Winkle” e “The Legend of Sleepy Hollow” [A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça]. O livro foi um sucesso tanto no velho continente quanto nos Estados Unidos, tornando-o o primeiro autor norte-americano a alcançar renome internacional na literatura.

Com a repercussão e a publicação de dois outros livros, vai a Madrid a convite do Ministro estadunidense para a Espanha como adido da missão diplomática no país, onde começa uma extensa pesquisa que resulta na biografia de Cristóvão Colombo, uma de suas obras mais conhecidas e importante contribuição à história e identidade do continente americano. Na sua segunda estadia na cidade andaluza de Granada, Irving escreve *Chronicle of the Conquest of Granada* [Crônica da Conquista de Granada] (1829) e *Tales of the Alhambra* [Contos da Alhambra] (1832). Este último reúne ensaios, esboços de diálogos, lendas e relatos sobre a Alhambra, um complexo de fortalezas e palácios ornados com

magníficas fontes e majestosos jardins construídos durante a ocupação muçulmana. A imponência da Alhambra é tal que mesmo a rainha Isabel, a Católica, obcecada com expulsar os mouros que por oito séculos faziam do Al-Andalus o seu próprio reino, proibiu o marido guerreiro, Fernando de Aragão, de empreender qualquer tática que pudesse destruí-la. Assim, após dez anos de campanhas militares e negociações, em 1492, o último rei mouro, Boabdil, entregou as chaves de Granada aos reis católicos, encerrando a Reconquista Cristã na península ibérica sem a destruição do maior legado da arquitetura árabe em território espanhol. Irving teve o privilégio de morar ali, desvendando recantos e histórias das fortificações granadinas, retratando magistralmente parte da vida pitoresca da Andaluzia e o contraste entre a cultura espanhola e as heranças islâmicas. A partir de “Contos da Alhambra”, foram imortalizadas narrativas como *The Truant* [O Tunante], *Tower of Las Infantas* [A Torre das Infantas] e *Legend of the three beautiful princesses* [A lenda das três belas princesas], aqui escolhidos para tradução.

Washington Irving retorna à terra natal para empreender uma viagem aos territórios do Oeste, que inspiraria a publicação de outros dois livros, mas volta à Espanha para assumir o cargo de ministro durante o período de 1842 a 1846. Em seus últimos anos, reside no *Sunnyside*, sua propriedade rural em Nova York e ponto de encontro para escritores, artistas e políticos da época, onde publica a biografia em cinco volumes de George Washington, uma de suas obras de maior importância, poucos meses antes de falecer, em 1859. Despediu-se da vida incensado pela fama de ser um dos precursores da literatura norte-americana, mais tarde inspirando nomes como Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne, Herman Melville e também europeus como Lord Byron e Charles Dickens, além de ser um dos escritores mais lidos de seu tempo. Apesar de sempre ter escrito em língua inglesa, Irving é também um dos escritores mais conhecidos do público de língua espanhola que, por meio dele, conheceu belas histórias como as que aqui se apresentam em tradução direta do inglês para o português.

O tunante

O texto *The Truant*, considerado como fonte para esta tradução, está disponível em:
<http://www.gutenberg.org/files/49947/49947-h/49947-h.htm#THE_TRUANT> Acesso em: 2 mar. 2018.

Tradução de Henrique Vieira Tozzi, revisada por Beatriz Viégas-Faria, Fabiana Kanan Oliveira e Liziane Kuglang de Souza.

Tivemos uma cena de pequena tribulação na Alhambra, que jogou nuvens no semblante ensolarado de Dolores. Essa pequena donzela tem uma paixão feminina por animais de estimação de todos os tipos, e tal paixão acabou enchendo um dos pátios decadentes da Alhambra de várias de suas espécies favoritas.

Um pavão majestoso e sua fêmea parecem reinar por aqui, acima de perus pomposos, galinhas-pintadas petulantes e uma multidão derrotada de galos e galinhas comuns. Por algum tempo, contudo, o maior deleite de Dolores se concentrou em dois jovens pombos que entraram no sagrado estágio do matrimônio e substituíram, nas afeições de Dolores, até mesmo um gato de pelagem tartaruga e outros filhotes.

Como alojamento para o casal de pombos que começava a arrumar a casa, ela instalou uma pequena câmara adjacente à cozinha, cuja janela dava para um dos tranquilos pátios mouriscos. Ali, viviam em feliz ignorância de qualquer mundo além do pátio e seus tetos ensolarados. Nunca aspiraram a subir acima das ameias, nem mesmo até as cúpulas das torres. Sua união virtuosa foi com o tempo coroada por dois ovos brancos impecáveis, para a imensa alegria da delicada senhorita. Nada poderia ser mais louvável que a conduta dos jovens esposos nessa ocasião interessante. Ambos se revezaram pousando ao lado do ninho até os ovos eclodirem. Enquanto sua progênie inexperiente exigia calor e abrigo, um ficava no ninho e o outro saía para forragear, trazendo para o lar uma abundância de suprimentos.

Essa cena de felicidade conjugal, de repente, se reverteu. Pela manhã, enquanto Dolores alimentava o pombo macho, sentiu vontade de presenteá-lo com uma pequena vista para o vasto mundo. Abrindo uma janela virada para o vale do Darro, ela o lançou para além dos muros da Alhambra. Pela primeira vez em sua vida, o pássaro admirado precisou usar o máximo vigor de suas asas. Mergulhou no vale e, em uma onda, subiu com força para o alto até quase alcançar as nuvens. Jamais havia subido a tal altura ou sentido tamanho prazer em voar; como um perdulário que acabara de receber sua herança, parecia tonto com o excesso de liberdade e o leque ilimitado de escolhas que de repente se lhe abriu. Durante todo o dia, ficou circulando em voos caprichosos; de torre em torre, de árvore em árvore. Todas as tentativas de atraí-lo de volta ao espalhar grãos pelo telhado foram em vão; parecia ter se esquecido por completo de sua casa, de sua ajudante carinhosa e de sua ninhada. Para aumentar a angústia de Dolores, ele se juntou a dois “palomos ladrones”, ou pombos-ladrões, cujo instinto é atrair pombos errantes para seus próprios ninhos. O fugitivo, como muitos outros jovens imprudentes ao se lançarem mundo afora, pareceu bastante fascinado com esses companheiros experientes mas deselegantes, que se comprometeram a mostrar-lhe a

vida e introduzi-lo à sociedade. Juntos, sobrevoaram todos os telhados e torres de Granada. Uma tempestade passou pela cidade, mas ele não procurou sua casa; a noite chegou, e ele não. Para intensificar o drama da situação, a fêmea, depois de diversas horas de desassossego, decidiu partir em busca de seu companheiro infiel. Tanto tardou que os filhotes morreram por falta do calor e abrigo do ninho materno. À noite, avisaram Dolores que o pássaro tunante tinha sido visto pelas torres de Generalife²⁹. Acontece que o Administrador daquele palácio antigo também possui um pombal, sobre o qual os residentes dizem haver duas ou três dessas aves manipuladoras, o terror de todos os amantes de pombos das redondezas. Dolores concluiu que os dois vigaristas emplumados que foram vistos com o seu fugitivo pertenciam à laia de Generalife. Um conselho de guerra foi reunido de imediato na câmara de Dona Antônia³⁰. Generalife é uma jurisdição distinta da Alhambra, e é claro que há uma certa cerimônia — se não inveja — entre seus guardiões.

Foi determinado, portanto, que Pepe, o rapaz gago dos jardins, seria enviado como embaixador para solicitar que, se acaso o fugitivo se encontrasse nos domínios de Generalife, fosse devolvido como pertencente à Alhambra. Pepe concordou e partiu em sua expedição diplomática, através dos bosques e avenidas iluminados pela lua; retornou em uma hora com a desoladora notícia de que nenhum pássaro como aquele se encontrava no pombal de Generalife. O Administrador, contudo, deu sua palavra soberana que caso tal errante aparecesse por lá, mesmo que fosse à meia-noite, seria imediatamente aprisionado e enviado de volta para sua pequena dona de olhos negros. Nesse ponto estava a melancólica situação, que causou muita angústia por todo o palácio, e mandou a inconsolável Dolores a seu travesseiro sem sono.

“O choro pode durar uma noite”, diz o provérbio, “mas a alegria vem pela manhã”. A primeira coisa que meus olhos encontraram, ao deixar meu quarto no dia seguinte, foi Dolores com o pombo tunante em suas mãos e os olhos brilhando em deleite. O pássaro aparecera bem cedo nas ameias, pairando de telhado em telhado com timidez, mas, em certo momento, entrou pela janela e se entregou como prisioneiro. Contudo, pouco crédito recebeu por seu retorno; pela maneira voraz com que devorou a comida que lhe foi dada, mostrou que, como o filho pródigo, foi chamado de volta a sua casa por pura fome. Dolores o repreendeu com todos os xingamentos por sua conduta infiel, porém, como uma mulher, abraçou-o ao mesmo tempo em seu seio, enchendo-o de beijos. Observei, no entanto, que ela cuidou de cortar suas asas para impedir quaisquer voos futuros: precaução que menciono para o bem de todos que possuem amantes tunantes ou maridos vagais. Mais de uma moral valiosa pode ser tirada da história de Dolores e seu pombo.

²⁹ N. do T. Generalife é um conjunto de jardins e edificações utilizado como recanto de verão real na Alhambra para os sultões que regeram Granada até a Reconquista Católica em 1492.

³⁰ N. do T. Dona Antônia é a senhora responsável por cuidar dos jardins mouriscos e apresentá-lo aos visitantes. Personagem presente em diversos contos escritos por Washington Irving que compõem a coleção “*Tales of the Alhambra*” (1832), na qual o presente conto também se inclui.

A Torre das Infantas

O texto *The Tower of Las Infantas*, considerado fonte para esta tradução, está disponível em:
<http://www.gutenberg.org/files/49947/49947-h/49947-h.htm#THE_TOWER_OF_LAS_INFANTAS> Acesso em: 15 dez. 2017.

Tradução de Carim Rodriguese Beatriz Viégas-Faria. Revisão de tradução:
Tiago Bianchi e Liziane Kugland de Souza.

Em um passeio de fim de tarde por um vale estreito que goza da sombra de figueiras, romãzeiras e murtas — um vale que separa as terras da fortaleza de Alhambra e as terras de Generalife —, me vi fascinado pela aparência romântica de uma torre moura, na muralha de Alhambra, que se eleva bem acima do topo das árvores, banhada pelos raios de cor carmim do pôr-do-sol. Uma única janela, a uma altura incomensurável, tinha a vista do vale todo. Enquanto eu contemplava a janela da torre, uma jovem olhou pela janela, a cabeça adornada de flores. Ela era com certeza superior à classe de pessoas que de modo geral habitam as velhas torres da fortaleza; e aquela súbita e pitoresca visão da moça me fez lembrar as descrições das jovens lindas e cativas dos contos de fadas. Essas associações fantasiosas só fizeram aumentar quando me informou meu criado Mateo que aquela era a Torre das Infantas, assim chamada por ter sido, de acordo com a tradição, a residência das filhas dos reis mouros. Depois desse passeio, visitei a torre — onde não costumam entrar estrangeiros, embora seja digna de ser visitada, pois seu interior equivale, em beleza arquitetônica e na delicadeza dos ornamentos, a qualquer outra parte do palácio de Alhambra. É notável a elegância do espaço central, com sua fonte de mármore, arcos de grande altura e cúpula com ornamentos tais que lembram a riqueza de rendas e bordados; admiráveis os aposentos pequenos mas bem proporcionados com seus arabescos e trabalhos em estuque; embora danificados pela passagem do tempo e por negligência, todos os elementos estão de acordo com o que se diz sobre essa Torre — que foi em outros tempos a morada de lindas mulheres da realeza.

A pequenina rainha das fadas que vive sob a escadaria de Alhambra (e frequenta as tertúlias vespertinas de Dona Antônia) conta algumas histórias fantásticas e tradicionais sobre as três princesas mouras que no passado foram encarceradas nessa torre pelo pai, um tirano, rei de Granada. As três tinham permissão tão somente para cavalgar à noite pelas colinas, e a ninguém era permitido cruzar o caminho das princesas — sob pena de morte. Ainda hoje, de acordo com a narrativa da rainha das fadas, as três irmãs podem ser vistas às vezes em noites de lua cheia, cavalgando em lugares ermos da encosta da montanha, montadas em palafréns cobertos com arreios luxuosos e joias resplandecentes — mas desaparecem quando se tenta falar com elas.

Mas, antes de eu relatar qualquer outra coisa a respeito dessas princesas, o leitor pode estar ansioso para saber algo sobre a formosa habitante da torre, aquela com a cabeça enfeitada de flores, que olhou pela janela. Fiquei sabendo que era recém-casada com o digno oficial encarregado dos soldados inválidos; um homem que, embora já idoso, tivera a

coragem de se apaixonar por uma donzela da Andaluzia, jovem e vibrante. Que o bom e velho cavaleiro possa não só ser feliz com sua escolha, mas também descobrir que a Torre das Princesas pode ser uma residência para a beleza feminina mais segura do que parece ter sido na época dos muçulmanos — se pudermos acreditar na Lenda das Três Belas Princesas!

A lenda das três belas princesas

O texto *Legend of the three beautiful princesses*, considerado fonte para esta tradução, está disponível em:

<[http://www.gutenberg.org/files/49947/49947-h/49947-](http://www.gutenberg.org/files/49947/49947-h/49947-h.htm#LEGEND_OF_THE_THREE_BEAUTIFUL_PRINCESSES)

[h.htm#LEGEND_OF_THE_THREE_BEAUTIFUL_PRINCESSES](http://www.gutenberg.org/files/49947/49947-h/49947-h.htm#LEGEND_OF_THE_THREE_BEAUTIFUL_PRINCESSES)> Acesso em: 15 dez. 2017.

Tradução de Maiara Almeida Porto e Beatriz Viégas-Faria. Revisão de tradução: Liziane Kugland de Souza e Daniel Soares Duarte.

Revisão final: Andrea Cristiane Kahmann.

Em tempos idos, sentava-se ao trono em Granada um rei mouro de nome Mohamed, a quem seus súditos adicionaram a alcunha de *El Hayzari*, ou “o Canhoto”. Dizem que o chamavam assim devido a ser de fato mais hábil com a mão esquerda que com a direita; mas outra versão para o apelido conta que ele era propenso a levar tudo para o lado errado ou, em outras palavras, arruinar aquilo em que se metia. Certo é que, fosse por infortúnio ou desgoverno, estava sempre encrencado: três vezes foi afastado do trono e, em uma ocasião, mal conseguiu escapar para a África com vida, disfarçado de pescador. Ainda assim, era tão destemido quanto tolo e, apesar de canhoto, empunhava sua cimitarra com tanta determinação que sempre se restabelecia no trono ao custo de duras lutas. No entanto, em vez de angariar sabedoria com as adversidades, estufava o peito, enrijecia o pescoço e firmava o braço esquerdo com obstinação. Os males de natureza pública que atraiu sobre si mesmo e seu reino podem ser uma lição para aqueles que desejam se aprofundar nos anais mouriscos de Granada. Esta lenda trata apenas de sua política doméstica.

Houve um dia em que Mohamed estava cavalgando com um séquito de cortesãos ao pé da montanha de Elvira, quando encontrou um bando de cavaleiros que retornavam de uma incursão em território cristão. Conduziam eles uma longa fileira de mulas carregadas com o espólio de suas ações, além de muitos prisioneiros, de ambos os sexos, entre os quais o monarca detectou a impressionante figura de uma linda donzela trajada em ricas vestimentas, que, cavalgando um palafrém de baixa estatura, chorava sem parar e não dava atenção às palavras de consolo que lhe dirigia a *dueña* que cavalgava ao seu lado.

O monarca ficou fascinado pela beleza da moça e, ao indagar sobre ela ao capitão da tropa, descobriu que era filha do alcaide de uma cidade murada da fronteira, fortaleza esta que o bando, em sua incursão, surpreendeu e saqueou. Mohamed, do alto de sua realeza, reivindicou a donzela como sua parte do saque e ordenou que a levassem para seu harém em Alhambra — onde tudo foi arranjado para abrandar a melancolia da moça. O monarca, cada vez mais apaixonado, buscou torná-la sua rainha. A donzela espanhola, de início, repeliu seus apelos: ele era um infiel, o inimigo declarado de seu país e, o que era pior, muito velho!

O monarca, percebendo que seus apelos eram inúteis, resolveu pedir ajuda à *dueña* que havia sido capturada junto com a dama. Andaluza de nasceça, e cujo nome cristão foi esquecido, esta mulher é sempre mencionada nas lendas mouras como sendo “a discreta Kadiga”. Discreta ela era de verdade, e isso se prova com a história de sua vida. Assim que o

rei mouro teve com ela uma conversa em particular, ela aceitou a força dos argumentos dele e encarregou-se de convencer a jovem ama.

— Ora, bolas! — dizia à sua senhora. — Qual é a razão para tanto choro e lamúrias? Não é melhor ser a dona deste lindo palácio, com todos os seus jardins e fontes, do que ficar encerrada na torre da fortaleza velha de seu pai? Quanto a esse Mohamed ser um infiel, o que isso importa? Você casará com ele; não com a religião dele. E, se é um velho, tanto melhor! Assim, logo a senhorita será viúva e dona do próprio nariz. De qualquer modo, a senhorita está sob o poder deste homem, e só tem por escolha ser uma rainha ou uma escrava. Quando um mercador está diante de um ladrão, sempre é melhor vender a um preço razoável do que deixar que lhe tomem a mercadoria à força.

Os argumentos prevaleceram: a dama espanhola secou as lágrimas e tornou-se a esposa de Mohamed, o Canhoto. E inclusive submeteu-se— em aparência — à fé de seu esposo real. Já a discreta *dueña* mostrou-se tão fervorosamente convertida às doutrinas muçulmanas que recebeu o nome árabe de Kadiga e lhe foi permitido, por ser pessoa de confiança, permanecer a serviço de sua ama.

Com o passar do tempo, o rei mouro tornou-se o feliz e orgulhoso pai de três adoráveis meninas nascidas de um mesmo parto. Ele teria preferido filhos homens, mas consolou-se com a ideia de que três filhas de uma vez estava muito bom para um homem velho — e canhoto!

Como era costume entre os monarcas muçulmanos, Mohamed convocou os astrólogos para conhecer o destino das três filhas recém-nascidas. Eles vaticinaram:

— Filhas! Ah, senhor nosso rei, filhas mulheres sempre são um patrimônio precário, mas estas vão precisar, e muito, de vossos cuidados quando atingirem a idade núbil. Nessa hora, o senhor deve mantê-las sob seus próprios olhos e não permitir que nenhum outro guardião tome conta delas.

Mohamed, o Canhoto, era tido como um rei sábio por seus cortesãos, e, com certeza, por ele próprio também. A previsão dos astrólogos nada lhe causou além de uma leve inquietação, pois confiava em sua inteligência para salvaguardar as filhas e ser mais esperto que o Destino.

O nascimento das trigêmeas foi o último grande feito matrimonial do monarca; sua rainha não lhe deu mais filhos e morreu depois de alguns anos, deixando as crianças, ainda pequenas, entregues ao amor do pai e à fidelidade da discreta Kadiga.

Muitos anos ainda teriam de passar antes que as princesas alcançassem aquele período perigoso... a idade de casar.

— É bom, no entanto, ser providente e cauteloso— assentiu o monarca, perspicaz.

Determinou que as filhas fossem criadas no castelo real de Salobreña: um palácio suntuoso, incrustado, por assim dizer, em uma poderosa fortaleza moura no topo de uma colina com vista para o mar Mediterrâneo. Era nessa majestosa residência que os monarcas muçulmanos reclusavam os familiares que desejavam esconder ou proteger, rodeando-os de luxos e entretenimentos em meio aos quais passariam suas vidas em indolência voluptuosa.

Nesse castelo, as princesas permaneceram longe do mundo, mas cercadas de prazeres e assistidas por escravas que antecipavam seus desejos. Tinham jardins agradáveis para sua recreação, cheios das mais raras frutas e flores, com arvoredos aromáticos e banhos perfumados. Em três lados do palácio eram agraciadas com uma visão de um vale próspero, ostentando todo tipo de alimentos cultivados, e rodeado pelas altas montanhas das Alpujarras. Do outro lado, a vista descortinava o vasto e ensolarado mar.

Nessa moradia agradável, em um clima propício e sob um céu sem estrelas, as três princesas cresceram e revelaram uma beleza esplendorosa. Embora tivessem sido criadas da mesma forma, desde cedo apresentaram sinais de diversidade de caráter. Seus nomes eram Zayda, Zorayda e Zorahayda, de acordo com a ordem em que nasceram, pois o parto teve um lapso de três minutos entre a chegada de cada uma das três irmãs.

Zayda, a mais velha, era de espírito intrépido e tomava a liderança das irmãs em tudo. Curiosa e inquiridora, apreciava sempre chegar ao âmago das coisas.

Zorayda tinha apurado senso estético e se deleitava em fitar a própria imagem em um espelho ou em uma fonte. Aprazia-se com flores, joias e adornos requintados.

Já Zorahayda, a caçula, era afável, tímida e muito sensível. Sua ternura era inesgotável e fazia-se ainda mais evidente diante das flores, dos pássaros ou outros animais aos quais dirigia todo o seu cuidado e estima. Suas diversões eram de natureza gentil e sempre se mesclavam a reflexões e sonhos. Costumava sentar por horas na varanda, a observar as estrelas brilhantes em uma noite de verão ou o mar iluminado pela lua. Nessas vezes, a canção de um pescador, de quem mal se podia ouvir a voz vindo da praia, ou as notas de uma flauta moura em algum barco que flutuava mar adentro, eram o bastante para elevar seus sentimentos até o êxtase. O mínimo alvoroço dos elementos, contudo, enchiam-na de desânimo, e o estrondo de um trovão era o suficiente para fazê-la desmaiar.

Os anos passaram de modo sereno e sem problemas. A discreta Kadiga, a cujos cuidados foram entregues as princesas, fazia jus à confiança das três e as assistia com zelo incessante.

O castelo de Salobreña, conforme dito, fora construído no topo de uma colina na costa marítima. Uma das muralhas exteriores afastava-se do recorte da colina até alcançar uma rocha protuberante sobreposta ao mar; uma estreita praia a seu pé deixava-se banhar pelas ondas agitadas. Uma pequena torre de observação havia sido montada nessa rocha com um pavilhão de janelas com treliças para que por elas entrasse a brisa do mar. Nesse lugar, as princesas costumavam passar as horas abafadas do meio-dia.

Certo dia, a curiosa Zayda estava sentada à beira de uma das janelas do pavilhão, junto das irmãs que se estiravam à sesta nas otomanas, quando sua atenção foi atraída para uma galé que vinha costeando em um ritmo lento e cadenciado de seus remos. Conforme esta se aproximava, a jovem observou que estava repleta de homens armados. A embarcação ancorou ao pé da torre: uma série de soldados mouros desembarcou na pequena praia, conduzindo diversos prisioneiros cristãos. A curiosa Zayda acordou as irmãs, e as três espriaram com cautela através das gelosias estreitas das treliças que as escondiam da vista exterior. Entre os prisioneiros, havia três cavalheiros espanhóis de ricas vestes que estavam

na flor da juventude e impunham nobreza a suas presenças; a maneira altiva com que se portavam, embora presos por correntes e cercados de inimigos, evidenciava a grandeza de suas almas. As princesas os observaram, sem fôlego e com intenso interesse. Como estavam presas no palácio e tinham apenas mulheres como serviçais, nada conheciam do sexo masculino além de escravos negros ou rudes pescadores da costa, e não era de se estranhar que a presença de três cavalheiros galantes, no ápice da juventude e beleza masculinas, comovesse seus corações.

— Já pisou nesta terra um ser mais nobre do que aquele cavaleiro de carmesim? — exclamou Zayda, a mais velha das irmãs. — Vejam com que orgulho se porta, como se todos ao redor fossem escravos!

— Mas notem aquele de verde! — exclamou Zorayda. — Que graça! Que elegância! Que espírito!

A gentil Zorahayda nada disse; porém, em segredo, deu preferência ao cavaleiro de azul.

As princesas permaneceram observando a cena até que os prisioneiros lhes escapasse às vistas. Então, suspiraram longamente. Elas se viraram, olharam umas para as outras por um momento e, pensativas, sentaram-se em suas otomanas.

A discreta Kadiga as encontrou nessa situação. As princesas então relataram o que tinham visto, e até mesmo o murcho coração da *dueña* se aqueceu.

— Pobres jovens! — ela exclamou. — Garanto que a prisão de cada um deles causa dor ao coração de alguma formosa dama de família importante em sua terra natal! Ah, minhas filhas, vocês não fazem a menor ideia da vida que esses cavalheiros levam no próprio país. Tantas exibições em torneios! Tanta devoção às damas! Tantos cortejos e serenatas!

A curiosidade de Zayda foi despertada plenamente: mostrou-se insaciável em suas perguntas e conseguiu extrair da *dueña* as mais animadas narrativas de sua juventude em sua terra natal. A bela Zorayda empinou o nariz e olhou-se no espelho com malícia quando o tema mudou para o charme das damas espanholas. Zorahayda, por sua vez, suprimiu um insistente suspiro à menção das serenatas sob a luz da lua.

Todo dia, a curiosa Zayda renovava as perguntas, e todo dia a *dueña* repetia histórias que eram recebidas com profundo interesse pelas nobres ouvintes, apesar dos suspiros frequentes. A discreta Kadiga, então, percebeu a extensão do dano que podia estar causando; ela se havia acostumado a pensar nas princesas apenas como crianças, mas elas haviam amadurecido de um modo imperceptível a seus olhos e, agora à sua frente, floresciam três adoráveis donzelas em idade de casar. É hora, pensou a *dueña*, de avisar o rei!

Numa manhã, Mohamed, o Canhoto, estava sentado ao divã do salão mais arejado da Alhambra, quando chegou um escravo da fortaleza de Salobreña com uma mensagem da sábia Kadiga parabenizando-o pelo aniversário das filhas. Ao mesmo tempo, o mensageiro presenteou-o com uma delicada cesta ornada de motivos florais, dentro da qual, numa cama de folhas de parreira e de figueira, havia um pêssego, um damasco e uma nectarina — as frutas com suas flores, seus contornos, seu doce e úmido frescor, todas na tentadora fase

inicial de maturidade. O monarca, versado na linguagem oriental das frutas e flores, com rapidez adivinhou o significado daquela oferenda tão simbólica.

— Então — disse ele —, o período crítico apontado pelos astrólogos chegou: minhas filhas estão na idade de casar. O que deve ser feito? Elas são mantidas longe dos olhos dos homens, sob o olhar da discreta Kadiga... tudo muito bem... mas ainda não estão sob meu próprio olhar, conforme foi prescrito pelos astrólogos. Devo reuni-las perto de mim e não confiar em nenhum outro guardião.

Assim dizendo, ordenou que uma torre da Alhambra fosse preparada para receber as princesas e partiu à frente de seus guardas para a fortaleza de Salobreña, a fim de conduzi-las pessoalmente à nova residência.

Cerca de três anos se haviam passado desde que Mohamed as vira por última vez, e ele mal podia crer na magnífica transformação que esse breve tempo produzira na aparência das filhas. Durante esse intervalo, elas haviam cruzado a maravilhosa fronteira da vida feminina que separa a crua, disforme e descuidada menina da corada e pensativa mulher em flor. Era como chegar aos vales voluptuosos e colinas protuberantes da Andaluzia depois de se cruzar as monótonas planícies da região de La Mancha.

Zayda era alta, educada de maneira fina, moça de conduta altiva e olhar penetrante. Entrou com passos imponentes, decididos, e fez uma reverência profunda diante de Mohamed, tratando-o mais como soberano que como pai. Zorayda era de estatura mediana, tinha modos distraídos mas sedutores e uma beleza efervescente, acentuada pela vaidade e o cuidado com a aparência. Aproximou-se do pai com um sorriso, beijou-lhe a mão e saudou-o com várias estrofes de um popular poeta árabe, para deleite do monarca. Zorahayda era mais baixa que suas irmãs, frágil, tímida e de beleza apaixonante, o tipo afetuoso de quem está em busca de ternura e proteção. Aproximou-se do pai com passos quase vacilantes. Teria pegado em sua mão para nela depositar um beijo, mas, ao contemplar o sorriso do radiante monarca, sua natureza delicada não se conteve, e ela lançou-se aos braços paternos pedindo um abraço.

Mohamed, o Canhoto, examinou as filhas, que haviam acabado de se tornar mulheres, com uma mistura de orgulho e perplexidade, pois, enquanto exultava com seus encantos, lembrou-se da previsão dos astrólogos.

— Três filhas! Três filhas — murmurou repetidamente para si — e todas em idade de casar! Aqui está o tentador fruto das Hespérides, exigindo a vigilância de um dragão!

Preparou-se para o retorno a Granada, enviando mensageiros com ordens para que todos ficassem longe da estrada pela qual passaria; todas as portas e janelas deveriam ser fechadas conforme as princesas se aproximassem. Isso feito, seguiu viagem, escoltado por uma tropa de cavaleiros negros com um aspecto hediondo em suas armaduras.

As princesas, veladas de perto, cavalgavam ao lado do rei em belos palafréns brancos com enfeites de veludo bordados a ouro que chegavam até o chão. Também de ouro eram os estribos e os freios. As rédeas de seda eram adornadas com pérolas e pedras preciosas. Os palafréns, cobertos por pequenos sinos de prata que tilintavam melodiosamente, avançavam com doçura. No entanto, o desafortunado ser que permanecesse no caminho quando ouvisse

o tilintar desses sinos padeceria em grande sofrimento, pois os guardas tinham ordens para usar as espadas sem piedade.

A procissão já se aproximava de Granada quando surpreendeu um pequeno grupo de soldados mouros com um comboio de prisioneiros às margens do rio Genil. Não havia tempo para que os soldados saíssem do caminho; eles se jogaram ao chão, olhos na terra, ordenando aos cativos que fizessem o mesmo. Contudo, dentre os prisioneiros, estavam três cavalheiros idênticos aos que as princesas haviam visto do pavilhão. Eles ou não haviam entendido ou eram muito orgulhosos para obedecer as ordens do rei; permaneceram de pé, contemplando a procissão conforme ela se aproximava.

A ira do monarca se acendeu ante a desobediência. Empunhando sua cimitarra e avançando contra os três, estava prestes a dar um golpe de esquerda que poderia ter sido fatal a pelo menos um dos observadores, quando as princesas o rodearam e imploraram misericórdia para com os prisioneiros. Até mesmo a tímida Zorahayda esqueceu a vergonha e tornou-se eloquente em prol deles. Mohamed erguia a cimitarra quando o capitão de sua guarda jogou-se a seus pés, implorando:

— Majestade — disse ele —, não permita acontecer aqui algo que vá causar grande escândalo por todo o reino. Estes são três bravos e nobres cavalheiros espanhóis que foram capturados em batalha, lutando como leões. São pessoas importantes e podem render grandes resgates.

— Chega! — disse o rei. — Vou poupar suas vidas, mas punir-lhes a audácia... levem os três para as Torres Vermelhas. Estão condenados a trabalhos forçados.

Mohamed estava cometendo um dos seus típicos erros de canhoto; no tumulto e agitação dessa ruidosa cena, os véus das princesas foram erguidos, e o resplandecer de suas belezas, revelado. Ao prolongar o debate, o rei havia dado tempo para que a beleza das três causasse um efeito devastador. Naqueles tempos, as pessoas se apaixonavam muito mais subitamente que nos dias de hoje — como deixam evidente todas as lendas e fábulas. Não é de se estranhar, portanto, que os corações dos três cavalheiros fossem imediatamente capturados, especialmente quando à gratidão soma-se a admiração. Entretanto, de um modo peculiar, mas não menos certo, aconteceu que cada um deles se enamorou de uma beleza diferente. E, no que diz respeito às princesas, estas ficaram mais uma vez impressionadas pela conduta nobre dos cativos, e em seus corações sentiram apreço por aquilo que escutaram sobre a bravura e linhagem nobre dos três.

A procissão retomou a marcha. As três princesas cavalgaram pensativas pelo resto da jornada em seus palafréns tilintantes, vez que outra dando uma olhada de relance para trás, buscando roubar uma visão dos cativos cristãos, enquanto eles eram conduzidos para o confinamento nas Torres Vermelhas.

A residência fornecida para as princesas era uma das mais elegantes que a imaginação poderia inventar: uma torre de certa forma separada do palácio principal da Alhambra, apesar de conectada a ele por uma muralha que circundava todo o topo da colina. De um lado dava para o interior da fortaleza e tinha em seu pé um pequeno jardim, repleto das mais raras flores. Do outro lado, via-se para uma ravina ampla e coberta de folhagens, que separava

os terrenos da Alhambra dos da Generalife. O interior da torre dividia-se em pequenos aposentos — encantadores, ornamentados de forma belíssima no estilo árabe: o teto abobadado que se elevava até quase o cume da torre abrigava um salão espaçoso; as paredes e o teto do salão eram adornados com arabescos e desenhos geométricos que reluziam com ouro, e ainda havia frases escritas em caracteres árabes, em cores vibrantes, na mais fina caligrafia. No centro do piso em mármore, via-se uma fonte de alabastro de formato arredondado cercada de aromáticos arbustos e flores; a fonte jogava para o alto esguichos d'água que resfriavam o edifício inteiro e produziam um som acalentador. O salão era rodeado por gaiolas suspensas por fios de ouro e prata, para aves canoras das mais belas plumagens e das mais doces notas.

As princesas haviam sido descritas como criaturas sempre alegres quando no Castelo da Salobreña; assim, o rei esperava vê-las encantadas com a Alhambra. Todavia, para sua surpresa, elas começaram a definhar e a ficar cada vez mais melancólicas e insatisfeitas com tudo ao seu redor: as flores não produziam nenhuma fragrância, a canção do rouxinol perturbava-lhes o descanso à noite, e também mostravam-se as três irritadas com a fonte de alabastro, gotejando e rumorejando eternamente, de manhã à noite e da noite até o amanhecer.

O rei, de disposição irritável e tirânica, em um primeiro momento encarou isso com grande indignação, mas depois concluiu que as filhas haviam chegado àquela idade em que os pensamentos femininos se expandem e seus anseios se ampliam.

— Não são mais crianças — disse para si mesmo. — São mulheres adultas, e isso exige objetos adequados para despertar nelas o interesse. — Requisitou então todos os costureiros, joalheiros e artesãos em ouro e prata das casas de comércio de Granada, e as princesas se viram cobertas e recobertas de vestidos de seda e de tecidos os mais diversos, brocados, echarpes de caxemira, colares de pérolas, anéis, braceletes e pulseiras também para os mimosos tornozelos... enfim, receberam todo tipo de preciosidades!

Tudo isso, no entanto, foi inútil. As princesas continuaram pálidas e apáticas em meio a tanto refinamento; pareciam três mirrados botões de rosa tombando de um talo. O rei, angustiado, não sabia o que fazer. Ele, que sempre confiara no próprio julgamento, ponderava:

— As vontades e caprichos de três donzelas em idade de casar — disse ele para si mesmo — são suficientes para confundir até mesmo a mais perspicaz das mentes.

Então, pela primeira vez em sua vida, recorreu ao auxílio de um conselheiro: pediu ajuda à experiente *dueña*.

— Kadiga — disse o rei —, sei que a senhora é uma das mulheres mais discretas deste mundo e uma das mais confiáveis. Foi por isso que sempre permiti que continuasse a zelar pelas minhas filhas. Agora, desejo que me descubra o mal secreto que está atacando as princesas e planeje alguma forma de restaurar a saúde e alegria delas.

Kadiga prometeu obediência tácita; de fato, sabia mais sobre o mal das princesas que elas mesmas. Confidenciando com as três, tratou de insinuar-se em seus segredos.

— Minhas filhas queridas, por que estão assim desoladas e deprimidas em um lugar tão lindo, onde há de tudo que um coração pode desejar?

As princesas olharam de modo vago ao redor do aposento e suspiraram.

— O que mais então vocês desejam ter? Devo conseguir-lhes aquele papagaio admirável que fala todas as línguas e é o encanto de Granada?

— Odioso! — exclamou a princesa Zayda. — É um pássaro horrível que só sabe gritar e fica tagarelando palavras sem ideias. Uma pessoa precisa estar desmiolada para tolerar tal peste.

— Devo trazer um macaco do Rochedo de Gibraltar para distraí-las com suas palhaçadas?

— Um macaco! Urgh! — bradou Zorayda. — Que cópia detestável de um homem. Odeio esse bicho nauseante.

— O que me dizem de Casem, o famoso cantor negro do Marrocos? Dizem que tem uma voz tão bonita como a de uma mulher.

— Fico aterrorizada ante a mera visão desses escravos negros — disse a delicada Zorahayda. — Além disso, perdi todo o prazer pela música.

— Ah, minha filha, você não diria isso — respondeu a velha de forma sorrateira — se tivesse ouvido a mesma música que eu na noite passada... Era daqueles três cavalheiros espanhóis que conhecemos em nossa jornada. Santo Deus, filhas! O que é que as fez corar tanto e ficar tão agitadas?

— Nada, nada, boa mãe. Por favor, prossiga.

— Bem, eu estava passando pelas Torres Vermelhas ontem à noite e avistei os três cavalheiros descansando após o dia de trabalho. Um deles estava tocando lindamente um violão, e os outros dois cantavam em turnos. Eles faziam isso com tanto estilo que até os guardas pareciam estátuas ou homens enfeitiçados. Alá me perdoe! Não pude evitar de me sentir tocada ao ouvir as canções da minha terra natal. Mas ver três jovens tão lindos e nobres presos a correntes? Como escravos? — a mulher de coração gentil não conseguiu segurar as lágrimas.

— Talvez, mãe, a senhora pudesse nos arranjar um modo de ver esses cavalheiros — disse Zayda.

— Eu acho — disse Zorayda — que um pouco de música seria bem animador.

A tímida Zorahayda nada disse, mas num ímpeto abraçou Kadiga.

— Tenham misericórdia de mim! — exclamou a velha discreta. — O que vocês estão dizendo, minhas filhas? Seu pai nos mataria a todas nós se ouvisse tal coisa. Com certeza, é evidente que esses jovens são cavalheiros, instruídos e nobres, mas que importância tem isso? São inimigos da nossa fé, e vocês não podem sequer pensar neles, a não ser com repugnância.

As princesas permaneceram na volta da sua velha *dueña* e argumentaram, suplicaram e declararam que uma recusa lhes partiria os corações.

O que ela poderia fazer? Sem dúvida, era a mulher mais discreta do mundo todo e uma das mais leais servas do rei, mas precisava mesmo ver as três belas princesas terem seus corações partidos por uma simples melodia de violão e vozes? Além disso, apesar de estar

havia tanto tempo em meio aos mouros e de ter até mesmo se convertido de cristã a muçulmana para imitar sua falecida senhora como seguidora fiel, Kadiga era espanhola de nascimento e tinha reminiscências do cristianismo em seu coração.

Os cativos cristãos, confinados nas Torres Vermelhas, estavam sob os cuidados de um renegado, de ombros largos e barba densa, chamado Hussein Baba, que tinha a reputação de ser subornável. Kadiga foi falar com ele em particular e disfarçadamente depositou uma moeda de ouro em sua mão.

— Hussein Baba — ela disse —, minhas amas, as três princesas, que estão enclausuradas na torre, têm um triste desejo por distração e ouviram falar dos talentos musicais dos três cavalheiros espanhóis. Elas gostariam de ouvir uma amostra das habilidades deles. Tenho certeza que você é gentil demais para lhes recusar um agrado tão inocente.

— O quê? E ter minha cabeça exposta no portão da minha própria torre com um sorriso nos lábios? Pois essa com toda a certeza seria a minha recompensa caso o rei descobrisse!

— Não há perigo de nada do tipo. O negócio pode ser arranjado de forma que a vontade das princesas seja satisfeita e o pai delas nunca fique sabendo. Você sabe a ravina ampla do lado de fora da parte da muralha que passa logo abaixo da torre? Coloque os três cristãos para trabalharem lá e, nos intervalos do trabalho, deixe que eles toquem o violão e cantem como se fosse para o seu próprio prazer. Dessa forma, as princesas podem ouvir das janelas da torre, e você pode estar certo de que elas vão lhe pagar muito bem por sua complacência.

Conforme a boa velha concluía a lengalenga, com gentileza apertou a mão áspera do renegado e deixou ali uma segunda moeda de ouro.

Seus argumentos provaram ser irresistíveis: no dia seguinte, os três cavalheiros foram levados a trabalhar na ravina. Durante o calor do meio-dia, quando os colegas de trabalho estavam dormindo na sombra e o guarda estava em seu posto balançando a cabeça com sonolência, sentaram-se num gramado ao pé da torre e cantaram uma canção espanhola com acompanhamento de violão.

A ravina era profunda, e a torre, alta, mas as vozes subiam cristalinas no ar, na quietude de um meio-dia de verão. As princesas escutavam da varanda. Tinham aprendido a língua espanhola com a *dueña* e ficaram tocadas pela ternura da canção. A discreta Kadiga, pelo contrário, ficou chocada.

— Alá nos salve! — exclamou. — Estão cantando uma cantiga de amor destinada a vocês. Já houve algum mortal que ouviu falar de tamanha audácia? Vou correndo até o mestre dos escravos e farei com que sejam punidos a golpes de bastão.

— O quê? Dar bastonadas em cavalheiros tão galantes por cantarem com tal encanto? — as três princesas se mostraram horrorizadas com a ideia.

Com toda a sua indignação e virtude, a boa velha era de natureza aplacável e se deixava apaziguar com facilidade, além do que a música parecia ter um efeito benéfico em suas jovens senhoras: um rubor róseo já lhes surgira nas faces, e os olhos tinham começado a brilhar. A *dueña* então não fez mais objeções à cantiga de amor dos nobres cavalheiros.

Quando acabou a música, as princesas permaneceram em silêncio por um longo tempo, até que, por fim, Zorayda pegou um alaúde e, com uma voz doce, porém fraca e trêmula, cantou em árabe, com suavidade, a letra cujo refrão dizia: “A rosa se esconde na própria folhagem, mas ouve encantada o canto do rouxinol”.

Desse dia em diante, os cavalheiros trabalharam praticamente todos os dias na ravina. O atencioso Hussein Baba foi se tornando mais e mais indulgente e, a cada dia que passava, mais e mais propenso a dormir em seu posto. Por algum tempo, uma espécie de comunicação estabeleceu-se entre as canções populares e as românticas, que, em alguma medida, respondiam umas às outras e revelavam de modo indireto os sentimentos de ambos os grupos. Em certas ocasiões, as princesas apareciam na varanda — quando podiam fazê-lo sem serem percebidas pelos guardas. Conversavam com os cavalheiros também pela linguagem simbólica das flores, com a qual eram familiarizados os rapazes e as moças. As dificuldades de comunicação entre eles agregavam charme àquele diálogo, pois o amor se deleita em lutar contra os obstáculos e prospera com mais força em terreno mais árido.

A perceptível mudança na aparência e nos espíritos das princesas devido a esse relacionamento secreto surpreendeu e satisfez o rei canhoto, mas ninguém estava mais exaltada que a discreta Kadiga. A *dueña* considerava ser tudo resultado de seu hábil manejo da situação.

Por algum tempo, houve uma interrupção nessa correspondência entre os jovens, quando, por vários dias, os cavalheiros deixaram de fazer sua aparição na ravina. As princesas olhavam para fora da torre, esticavam os longos pescoços para fora da varanda e cantavam como rouxinóis na gaiola. Tudo em vão, pois nada ouviam dos amados cristãos, e nem uma única nota respondia dos bosques. A discreta Kadiga aventurou-se em busca de informações e logo retornou com a fisionomia preocupada.

— Ah, minhas filhas! — exclamou. — Logo previ que isso tudo aconteceria, mas vocês queriam porque queriam as coisas do seu jeito. Agora podem pendurar seus alaúdes. As famílias pagaram o resgate dos cavalheiros espanhóis. Eles estão lá em Granada se preparando para regressar ao país de origem.

As três belas princesas entraram em desespero com as notícias. Zayda estava indignada por eles darem tão pouca importância a elas, visto que estavam sendo abandonadas sem nem mesmo uma palavra de despedida. Zorayda apertou as mãos e chorou, mas depois se olhou no espelho e enxugou as lágrimas — antes de chorar outra vez. A gentil Zorahayda inclinou-se para fora da varanda e chorou em silêncio, e as lágrimas caíram sobre as flores do gramado onde os cavalheiros infiéis se haviam sentado tantas vezes.

A discreta Kadiga fez todo o possível para amenizar o sofrimento das princesas.

— Consolem-se, minhas filhas — disse ela. — Isso não é nada quando vocês se acostumam. É assim que o mundo funciona. Ah, quando forem tão velhas quanto eu vocês vão saber como dar o devido valor a esses homens. Garanto que esses cavalheiros têm amantes dentre as beldades espanholas de Córdoba e logo estarão fazendo serenatas embaixo das sacadas delas, não mais pensando nas beldades mouras da Alhambra. Portanto, consolem-se, minhas filhas, e expulsem esses três de seus corações.

As reconfortantes palavras da discreta Kadiga apenas redobram a angústia das três princesas, e por dois dias elas permaneceram inconsoláveis. Na manhã do terceiro dia, a boa e velha *dueña* entrou nos aposentos das princesas muito, mas muito indignada.

— Quem acreditaria em tal insolência de um mero mortal! — exclamou, logo que foi capaz de encontrar as palavras para se expressar. — Mas é bem-feito para mim, por ter sido conivente com essa enganação ao seu tão respeitável pai. Nunca mais falem comigo sobre os cavaleiros espanhóis.

— Por que, boa Kadiga? O que aconteceu? — exclamaram as princesas, já sem ar de tanta ansiedade.

— O que aconteceu? Uma traição aconteceu! Ou, melhor dizendo, uma traição foi proposta, o que é quase tão ruim quanto ter acontecido; e justo comigo, a mais fiel súdita e a mais confiável das *dueñas*! Sim, minhas crianças, os cavaleiros espanhóis ousaram tentar corromper-me, dizendo que eu devia persuadir vocês a fugir com eles para Córdoba, para se tornarem suas esposas!

Aqui, a velha e excelente mulher cobriu o rosto com as mãos e foi tomada por um violento surto de pesar e indignação. As três belas princesas ficaram pálidas e depois vermelhas, pálidas e vermelhas outra vez, e tremeram e olharam para baixo e lançaram olhares tímidos umas para as outras, mas nada disseram. Enquanto isso, a velha mulher permanecia sentada, balançando o corpo para a frente e para trás em violenta agitação, vez que outra irrompendo em exclamações.

— E pensar que eu viveria para ser insultada dessa maneira! Justo eu, a mais fiel das servas!

Após certo tempo, a princesa mais velha, que tinha mais espírito e sempre tomava a liderança, aproximou-se dela e colocou a mão sobre seu ombro.

— Mãe — disse —, supondo que estivéssemos dispostas a fugir com os cavaleiros cristãos... isso seria possível?

De repente, a boa velha pausou seu pesar e olhou para cima.

— Possível... — ela ecoou — decerto é possível, pois os cavaleiros até subornaram Hussein Baba, o renegado que é capitão da guarda, e organizaram o plano todo. Mas pensar em enganar seu pai, logo ele, que depositou tanta confiança em mim! — aqui a confiável senhora entregou-se a um novo surto de pesar e começou novamente a balançar para frente e para trás apertando as mãos.

— Mas nosso pai nunca depositou confiança alguma em nós — disse a mais velha das princesas. — Só confiou em trancas e grades e nos tratou como prisioneiras.

— Ora, isso é mesmo verdade — respondeu a velha, outra vez suspendendo seu pesar. — Ele com certeza as tratou de forma irracional, mantendo as três encerradas aqui, desperdiçando a flor da juventude em uma torre como rosas deixadas para secar em um jarro. Mas fugir de sua terra natal?

— E a terra para onde queremos fugir? Não é a terra de nossa mãe, onde devemos viver em liberdade? E lá não vamos ter maridos jovens em vez de um pai velho e severo?

— Ora, isso mais uma vez é tudo bem verdade. E seu pai, preciso confessar, é bastante tirânico. Mas, e quanto a mim? — e voltando ao seu pesar. — Vocês me deixariam para trás, para suportar o peso de sua vingança?

— De forma alguma, minha boa Kadiga. Pode fugir conosco.

— Bem verdade, minha filha; para ser sincera, quando falei sobre o assunto com Hussein Baba, ele prometeu tomar conta de mim se eu as apoiasse na fuga. Mas, reflitam, minhas filhas: estão dispostas a renunciar à fé de seu pai?

— A fé cristã era a fé original de nossa mãe — disse a princesa mais velha. — Estou disposta a abraçá-la e tenho certeza que minhas irmãs também.

— Certa outra vez — a velha mulher exclamou, o semblante iluminando-se. — Era a fé original de sua mãe, e em seu leito de morte ela se lamentou com amargura por se haver convertido. E, sim, minhas filhas, também nasci cristã e permaneço cristã em meu coração e estou decidida a retomar minha fé. Falei do assunto com Hussein Baba, que também é espanhol de nascimento e vem de um lugar não muito longe da minha cidade natal, e ele está ansioso, da mesma forma que eu, para rever o próprio país e se reconciliar com a igreja. Os cavaleiros prometeram que, se ele e eu estivermos dispostos a nos tornar marido e mulher, vão nos dar uma quantia generosa em dinheiro assim que voltarmos para a Espanha.

Em suma, a velha mulher, discreta e prudente ao extremo, revelou que havia consultado os cavaleiros e o renegado, e eles haviam combinado todo o plano da fuga. A princesa mais velha de imediato assentiu a isso, e seu exemplo, como de costume, determinou a conduta das irmãs. É bem verdade que a mais nova hesitou, pois era gentil e tímida de alma, e havia uma luta em seu coração — entre o sentimento filial e a paixão da juventude. Esta última, todavia, foi vitoriosa, e, com lágrimas silenciosas e suspiros sufocados, Zorahayda preparou-se para a fuga.

A colina escarpada na qual a Alhambra está construída foi, no passado, perfurada por passagens subterrâneas abertas na rocha, que conduziam da fortaleza avárias partes da cidade incluindo os distantes portões vigiados às margens dos rios Darro e Genil. Essas passagens foram construídas em diferentes épocas por reis mouros como meio de fuga para a possibilidade de súbitas insurreições e também como meio de se movimentar secretamente para assuntos particulares. Muitas dessas passagens estão agora totalmente perdidas no tempo, enquanto outras estão entupidas de lixo ou foram fechadas — monumentos às zelosas precauções e a prováveis estratégias marciais dos governos mouros. Hussein Baba havia prometido conduzir as princesas por uma dessas passagens até um dos portões vigiados para além das muralhas da cidade, onde os cavaleiros cristãos estariam esperando, preparados para a fuga, com cavalos que levariam o grupo todo para o outro lado da fronteira.

A noite marcada chegou. A torre das princesas havia sido trancada como de costume, e a Alhambra estava mergulhada em sono profundo. Perto da meia-noite, a discreta Kadiga buscava ouvir alguma coisa de uma varanda que dava para o jardim. Hussein Baba, o renegado, já estava lá embaixo e deu o sinal combinado. A *dueña* amarrou o final de uma escada de cordas à varanda, atirou-a para o jardim e desceu por ali. As duas princesas mais velhas a seguiram, corações acelerados, mas, quando chegou a vez da princesa mais nova,

Zorahayda, ela hesitou e estremeceu. Diversas vezes tentou apoiar um dos delicados pezinhos na escada, mas logo o retirava; quanto mais demorava, mais seu pobre coração se agitava. Lançou um olhar saudoso para trás, para os aposentos recobertos de seda. Tinha morado ali — como pássaro em gaiola, é verdade — mas ali dentro esteve segura. Quem podia dizer que perigos teria de enfrentar caso andasse sem rumo por este vasto mundo? Mas quando pensava no seu galante e amado cristão, o pezinho ia num já para a escada. Em seguida pensava no pai e recolhia o pé outra vez. Infrutífera é a tentativa de descrever o coração de alguém tão jovem e tão cheia de ternura e afeto, contudo tão tímida e tão ignorante do mundo.

Em vão as irmãs imploraram, a *dueña* repreendeu e o renegado blasfemou debaixo da varanda. A gentil donzela moura seguia duvidosa e hesitante, prestes a escapar, tentada pela doçura do pecado, mas apavorada pelos riscos.

Cada momento aumentava o perigo de serem descobertos. Um barulho de passos a distância foi ouvido.

— Os patrulheiros estão fazendo as rondas — exclamou o renegado. — Se permaneceremos aqui, seremos mortos. Princesa, desça agora mesmo ou iremos deixá-la.

Zorahayda permaneceu um momento em grande agitação, cheia de medo, e então soltou a escada de cordas e, com uma resolução irremediável, jogou-a da varanda para fora.

— Está decidido! — bradou ela. — Fugir agora está fora da minha capacidade! Que Alá guie e abençoe vocês, minhas queridas irmãs!

As duas princesas mais velhas ficaram chocadas com a ideia de deixá-la para trás e estavam dispostas a ficar mais tempo ali, mas a patrulha estava avançando, o renegado estava furioso, e elas tiveram de se apressar pela passagem subterrânea. Andaram todos às cegas por um labirinto amedrontador, atravessando o coração da montanha, e conseguiram alcançar, sem serem descobertos, um portão de ferro que abria para fora da muralha. Ali, os cavalheiros espanhóis, disfarçados os três de soldados mouros da guarda, aguardavam conforme as ordens do renegado.

O amado de Zorahayda ficou fora de si quando soube que ela se recusara a deixar a torre, mas não havia tempo para desperdiçar com lamentos. As duas princesas puseram-se atrás de seus respectivos amados, a discreta Kadiga montou com o renegado, e todos galoparam em direção ao Passo do Lope, que leva pelas montanhas até Córdoba.

Não tinham ido muito longe quando ouviram o som de tambores e clarins provenientes das ameias da Alhambra.

— Nossa fuga foi descoberta! — disse o renegado.

— Temos corcéis velozes, a noite é escura e podemos nos distanciar bastante de quem venha nos perseguir — responderam os cavaleiros.

Esporaram os cavalos e atravessaram o Vega a galope. Chegaram ao pé da montanha de Elvira, que se estende como um promontório planície adentro.

O renegado parou e se pôs a ouvir.

— Por enquanto — disse — não há ninguém na nossa rota. Vamos conseguir fugir para as montanhas. — Enquanto falava, acendeu-se uma chama no topo da torre de vigia da Alhambra.

— Maldição! — bradou o renegado. — Aquela fogueira vai por em alerta todos os guardas de todas as passagens. Vamos! Vamos! Força nas esporas, não há tempo a perder.

Dispararam, com as batidas dos cascos dos cavalos ecoando de pedra a pedra conforme devoravam a estrada que margeia a montanha rochosa de Elvira. Conforme seguiam galopando, respostas à fogueira da Alhambra surgiam de todas as direções: chama após chama, acendiam-se as fogueiras nas atalaias das montanhas.

— Em frente! Em frente! — bradava o renegado em meio a profanações ao nome de Deus. — Para a ponte! Para a ponte antes que o alarme chegue até aqui!

Evitaram o promontório das montanhas e chegaram a um ponto de onde avistaram a famosa Ponte Pinos, que atravessa um curso d'água com corredeiras — muitas vezes tingido de sangue cristão e muçulmano. Para sua surpresa, a torre de vigia da ponte acendeu sua fogueira naquele exato instante, iluminando os homens armados que ali estavam. O renegado freou o cavalo, ergueu-se nos estribos e, com o olhar, vasculhou o entorno por um momento. Em seguida, sinalizando para os cavaleiros, saiu da estrada e foi margeando o rio até chegar a um ponto de onde entrou decidido na correnteza. Os cavaleiros pediram às princesas que se segurassem com firmeza e fizeram como Hussein Baba; por algum tempo, foram levados pelas águas rio abaixo. Ondas se chocavam com estrondo contra seus corpos, mas as belas princesas agarraram-se aos cavalheiros cristãos e não se queixaram em momento algum. Os cavaleiros alcançaram a margem oposta em segurança e foram conduzidos pelo renegado por caminhos inóspitos e poucos frequentados e por ravinas selvagens através das montanhas, a fim de evitar todas as passagens habituais. Em resumo: conseguiram alcançar a antiga cidade de Córdoba, onde o retorno dos três a seu país e aos amigos foi comemorado com grande júbilo, pois pertenciam a uma das famílias mais nobres de lá. As belas princesas foram imediatamente recebidas no seio da Igreja e, após convertidas ao cristianismo, casaram-se, felizes.

Na pressa de bem narrar a fuga das princesas cruzando o rio e sua subida pelas montanhas, esquecemos de mencionar o destino da discreta Kadiga. Ela agarrou-se como um gato a Hussein Baba no galope através do Vega, gritando a cada salto e extraindo muitas blasfêmias do hirsuto renegado, mas, quando ele se preparava para mergulhar seu corcel no rio, o terror de Kadiga superou todos os limites.

— Não me aperte tanto — bradou Hussein Baba. — Segure-se no meu cinto e não tenha medo de nada. — Ela segurou firme com as duas mãos no cinto de couro que cingia o renegado de costas largas, mas, quando ele parou com os cavaleiros para ganhar fôlego no topo da montanha, a *dueña* havia sumido.

— O que houve com Kadiga? — bradaram as princesas, alarmadas.

— Apenas Alá sabe! — respondeu o renegado. — Meu cinto se soltou no meio do rio e Kadiga foi levada com ele pela correnteza. A vontade de Alá seja feita! Mas era um cinto bordado e de grande valor.

Não havia tempo a perder com arrependimentos inúteis, mas as princesas lamentaram amarga e profundamente a perda da discreta conselheira. Contudo, aquela velha e excelente mulher não perdeu mais que metade de suas nove vidas na água: um pescador estava puxando redes a alguma distância córrego abaixo e puxou Kadiga para a terra — e não ficou nem um pouco surpreso com a miraculosa pesca de sua rede. O que o futuro reservou para a discreta Kadiga a lenda não menciona, mas é certo ter provado sua discricção em nunca mais se aventurar dentro do raio de alcance de Mohamed, o Canhoto.

Quase nada se sabe sobre a conduta do sagaz monarca após ter descoberto a fuga das filhas e a enganação praticada contra si pela mais fiel das servas. Foi a única vez em que ele pedira a ajuda de um conselheiro, e nunca mais se ouviu falar de ter sucumbido a similar fraqueza. Todavia, teve muito cuidado em guardar sua filha remanescente, a que não teve disposição para fugir. É possível que ela tenha secretamente se arrependido de ter ficado para trás: vez ou outra era vista debruçada nas ameias da torre, olhando com pesar para as montanhas na direção da Córdoba. Às vezes, as notas do seu alaúde eram ouvidas em acompanhamento aos versos de cantigas queixosas, nas quais talvez lamentasse a perda das irmãs e do amado e sua vida solitária. Morreu jovem e, de acordo com os rumores do povo, foi enterrada em uma câmara mortuária no subsolo da torre, e seu destino precoce fez surgir mais de uma lenda das tradições mouras.

